

‘Para mim, a sobrevivência do governo e de seu pensamento está ligada à hegemonia ideológica sustentada por nós, do PSDB’



O DEPUTADO Arthur Virgílio, secretário-geral do PSDB, afirma que o ministro Sérgio Motta não abandonará o Ministério das Comunicações para ser candidato a deputado federal e puxar a legenda tucana em São Paulo. E nem deixará de atuar politicamente, embora respeitando o trabalho das lideranças institucionais. Reconhece que Serjão sofreu desgastes, mas adverte que o PSDB está solidário com ele. Porém, adverte que, se alguém ou algum partido está pensando em tirar Sérgio Motta para ficar com o Ministério das Comunicações, pode ir tirando o cavalo da chuva... O Ministério das Comunicações

continuará com o PSDB. “Nós é que sabemos telefonar” – avisa. O ex-prefeito de Manaus elogia o deputado Luís Eduardo Magalhães, reconhece a competência do PFL, mas, avisa que o PSDB vai se impor para ajudar, de forma inteligente, o governo. Segundo ele, o partido já foi muito sacrificado, mas cansou de fazer concessões. Sua cúpula vai jantar, esta semana, com o presidente do PFL, José Jorge, para dizer que, doravante, o PSDB só admite fazer concessões se a outra parte estiver disposta a fazer o mesmo. Leia a instigante entrevista que o secretário-geral do PSDB deu ao repórter Tarcísio Holanda, do Se7e.

ARTHUR VIRGÍLIO

ção do PMDB à base de apoio do governo. Existem quadros ali preparados, como os deputados Alberto Goldman, Aloysio Nunes Ferreira. Tenho medo de citar nomes para não cometer injustiças, mesmo porque existem muitos outros. Sempre advoguei que não se fechasse as portas para uma negociação, nem que fosse para compor uma pauta de divergência, com o presidente Paes de Andrade, que reputo um homem ético e um dos bons homens públicos desse País. Sempre defendo que não se fechasse as portas para um diálogo com o deputado Paes de Andrade. Não gostaria que nós e o Paes fôssemos em posição maniqueísta. Sempre advoguei que nós fizéssemos uma composição com ele, nem que fosse em torno de uma pauta de divergência... Fico feliz com a agregação do PMDB.

E o PFL?

– Sou grato ao PFL, porque tem sido vital, tem sido uma coluna de sustentação das reformas, tem quadros de boa qualidade, é competetíssimo no jogo de plenário, no jogo de articulação, o deputado Luís Eduardo Magalhães é um homem determinado, que vai fazer um bom trabalho... Não quero cometer mais erros... Não coloco nenhum grau de responsabilidade ao deputado Benito Gama. Ele não tem culpa de nada do que aconteceu. Foi tudo externo ao Benito.. Quero fazer justiça a ele.

Agora, o meu partido tem sido muito sacrificado. A ele têm sido pedidas muitas renúncias, e nós, de repente, descobrimos que renúncias desnecessárias... Renúncias que fazem parte de um jogo primário de aliados nossos, tipo assim, “jogo do “seu” Cola, se colar, colou, vamos dizer que é preciso renunciar, se ele renunciar, ótimo para nós... E tem colado, por omissão nossa, e esse é o nosso grande erro... Portanto, o que prometemos é renascer com a garra do PSDB. Nenhum ataque a ninguém. Vamos defender os nossos interesses, defender o nosso quinhão...

E o espaço do PSDB, como fica?

– Muito bem, então, qual é o nosso objetivo? Nosso objetivo é ter efetivos espaços para construção da ideologia do governo, se possível, e essa é a nova meta, com a hegemonia do processo, eis o que nós buscamos. Para mim, a sobrevivência do governo e de seu pensamento está ligada à hegemonia ideológica sustentada por nós, do PSDB. O toque será dado por nós. Porque aí vai entrar a questão da sensibilidade social. Aí entra o programa social-democrata, aí entra o partido, não só para citar os indicadores, que a inflação caiu, o PIB cresceu...

Eu quero saber como evolui o processo de distribuição de riqueza, quero saber como se trabalha a inclusão dos excluídos, quero saber como o País entra na globalização sem aceitar a regra básica que ela propõe e que é cruel, ou seja, muito para os incluídos, nada para os excluídos... Vamos ajudar mais o presidente da

República, vamos ajudar de maneira inteligente. Não vamos ser só arautos passivos do governo. Não vai ser só o que vem do Palácio para cá, mas, uma síntese bonita da visão que vem das ruas pelas mãos dos tucanos fundida com a bela, honesta e honrada visão do Palácio. A verdade chinesa, a terceira verdade...

Quero saber como é que eu trabalho esse País dual, que, de Belo Horizonte para o Sul, é rico, ainda que com muita pobreza dentro dessa riqueza, e de Belo Horizonte para o Norte, é pobre, com pouca riqueza dentro da imensa pobreza... Como é que se pode fazer, numa mão, economia de ponta, exportadora, competitiva, tecnologicada, até sacrificando postos de trabalho, se for para não perder espaços aqui dentro para os competidores de fora... Jogar com realismo nessa economia de ponta, mas usar os frutos dessa eficiência para trabalhar em favor do outro lado do Brasil dual, para investir em indústrias e economias, que não sejam necessariamente competitivas, mas que ofereçam uma resposta social.

Como a reforma agrária, que não vejo como uma panacéia, não a vejo como resposta econômica, mas resposta social. Essas outras economias serão trabalhadas para dar resposta social, para não termos deserdados... A globalização está aí, não podemos evitá-la. Agora, a globalização tem de ser enfrentada com um viés brasileiro, que é social-democrata. Eu não aceito que tenhamos de nos curvar à idéia de que sempre haverá excluídos no Brasil. Eu não aceito isso. Se isso é uma utopia, eu, que já fui comunista, estou alimentando uma nova utopia. Eu creio que é muito útil para os aliados, ou seja, seguir os nossos passos por aí...

A direção nacional e algumas lideranças expressivas estiveram reunidas, na semana passada. Qual a estratégia que fixaram para que o PSDB desempenhe o papel de relevo que ele, hoje, não tem desempenhado?

– O sentimento que existe é de descontentamento, que, com certeza, passa pela bancada do Senado, e é o estado de espírito dominante na bancada da Câmara. Ela está ansiosa por participar, está ansiosa por crescer, está ansiosa por dar sua contribuição e tocar projetos que mudem a cara social do País. Ela está fazendo todo esforço possível para votar as reformas econômicas, que, às vezes, colocam companheiros nossos em posição impopular: Quem nunca frequentou sindicatos, quem nunca teve votos de servidores públicos, como acontece com alguns aliados, não pode imaginar os problemas que isso provoca em alguns dos nossos companheiros.

Está na hora de convocar um grande congresso, está na hora de se pensar em um grande congresso internacional, é o sonho de nosso partido. Precisamos de um congresso para discutirmos, para lavarmos toda a nossa roupa suja no partido... Está

na hora de discutirmos uma estratégia para o pleito de 1998, Estado por Estado. O PSDB vai se impor, esse é um fato. O PSDB não pode ser tratado como um partido de segunda categoria, que ele não é. É um partido de primeiríssima categoria, pelos seus quadros, pelas idéias, pelo programa social-democrata que tem para o País, pela capacidade de se articular à esquerda e à direita, pela respeitabilidade que está em torno de sua legenda. Seria um crime político não sermos um partido capaz de dar um toque ideológico para esse governo.

E como vão as relações do PSDB com o PFL?

– Vamos estreitar as relações com o PFL. Semana que vem, haverá um jantar na casa do deputado José Jorge, presidente do PFL. Vamos retomar, rotineiramente, as conversas de cúpula para cúpula. Agora, temos muito o que dizer, porque temos um sentimento muito claro das nossas bases. Não é um jantar, apenas, para reafirmarmos uma amizade, que é imorredoura, mas, para tratarmos de uma pauta onde há divergência, onde há necessidade de concessões de parte a parte.

O PSDB não vai mais trabalhar só com concessões de sua parte, PSDB não é um partido masoquista, não é um partido de eunucos, não é um partido frágil, não é um partido frouxo. Isso vai ficar bem nítido, bem claro, sem perda da ternura, sem perda da fraternidade, sem perda da consideração, sem perda de uma admiração e de uma amizade que só tem crescido ao longo desse convívio. Nós gostamos muito do PFL, gostamos muito do PMDB, e gostamos mais ainda do PSDB. Veja como nosso coração é grande, ele tem espaço para tanto amor...

Como o senhor imagina a sucessão presidencial em 98? Acredita que a esquerda se unirá? Acredita na hipótese da candidatura Itamar Franco?

– Quanto ao presidente Itamar, eu o vi estimulado pelos últimos acontecimentos, mas, como não tenho nenhuma ligação com ele, sinto-me impedido de fazer conjecturas além das que estão nos jornais. Não sei se é fácil à chamada esquerda ou à esquerda tradicional – porque me considero de esquerda, pertencem a um partido de esquerda, moderno, mas a outra parte é contra as reformas – não sei se ela vai repetir aquela velha máxima de que só se une na cadeia. E, às vezes, nem na cadeia. Não sei se é fácil. Mas, o drama deles está além de se unir ou não. Se se unirem em torno do programa velho, negando as reformas, negando a reforma do Estado, se se unirem em torno de um programa que negue a necessidade das reformas, não terão competitividade e perderão a eleição.

Só serão competitivos, só serão via para o poder, se aceitarem algumas premissas fundamentais, que eles rejeitam, não sei nem se por algum toque de vaidade, de preconcei-

to ideológico... O Plano Real, a estabilidade econômica. E não basta dizer: eu concordo com o Real, mas tem que sair distribuindo dinheiro... Não é assim. Eles têm que entrar na nova mentalidade, ou seja, entender que qualquer política social consequente tem que, necessariamente, corresponder uma política econômica que sustente essa política social, senão é quimera, senão é poesia... Para mim, a política social é mais do que a poesia que delícia o poeta... É o instrumento efetivo de distribuir a renda que obtém com o lucro econômico. Se não mudarem por aí serão presa fácil na campanha eleitoral.

Estou dando a minha opinião de brasileiro, não estou sonhando nada. Até porque não me considero medíocre a ponto de querer um jogo dialético pobre, portanto, antidialético, em que se tenha uma oposição fraca, tola, que diga absurdos, enfim, que a opinião pública nela só veja o perigo da desestabilização e veja na gente a continuidade da estabilidade. Seria pobre por aí... Eu queria mais, eu queria, nós melhores, ainda, e eles entendendo verdades fundamentais que fazem parte da realidade do mundo, e aí, com certeza, o primeiro vencedor seria o Brasil, fosse quem fosse o eleito. E não a dicotomia pobre, que nos coloca como a segurança e eles como a instabilidade.

Mas, as principais lideranças da esquerda se reuniram, em Brasília, na semana passada, prometendo formular uma plataforma comum, antes de discutir a escolha do candidato comum...

– Eu não sei... Só vejo uma dicotomia na esquerda... Foram muito clarividentes no Chile, em Santiago do Chile, onde houve uma reunião, recentemente. Chegaram lá, ouviram uma brilhante exposição do ministro Ciro Gomes, ouviram sem contestar... E estava lá o Leonel Brizola, estava todo mundo... O Ciro mostrou que não tinha caminho para se enfrentar os problemas do País, sem prosseguir no programa de privatização, sem se aprofundar essas reformas todas... Como lá o clima é mais temperado, e lá eles ficaram apitando e lavando roupa, eu acho que eles são clarividentes no clima temperado e menos no clima seco de Brasília.

Aqui, continua aquele jogo da contestação a mudanças, e lá eles começaram a admitir a necessidade de mudarem, pois as mudanças vêm com eles ou sem eles. Eu, pessoalmente, adoraria que viessem com eles, seja pela estima que tenho por todos. Abro um parêntese para dizer que não acredito, um pingão, em nenhuma denúncia contra a lisura pessoal do Lula. Critico o Lula não ter projeto para o país, mas, o respeito como homem de bem. Corrupto, no Brasil, a primeira coisa que se faz no Brasil é comprar muitas casas. Quem não tem casa... Estão discutindo que ele mora na casa de um outro, eu não entro um minuto nessa discussão.